

REFLEXÕES SOBRE ECOPERFORMANCE, PAISAGEM E CONTEMPLAÇÃO: NOTAS SOBRE “VISITAÇÃO” NA REPRESA DO RIO JUNDIAÍ

Eduardo Augusto Colombo (SARAR)¹

Victor Kinjo (IEA/USP)²

RESUMO

Neste artigo propomos reflexões sobre a noção de ecoperformance, procurando identificar convergências e contribuições dos estudos da paisagem, das práticas contemplativas e dos serviços culturais ecossistêmicos. Iniciamos com uma breve revisão dos conceitos de paisagem e contemplação, circunscrevendo suas especificidades no contexto artístico das encenações e práticas do/a performer na cena contemporânea. A partir desse quadro teórico, realizamos relatos e reflexões sobre os processos de criação da ecoperformance “Visitação #2”, bem como sobre suas relações com os conceitos de paisagem, contemplação e serviços culturais ecossistêmicos. A obra foi produzida na represa do rio Jundiaí, zona rural de Mogi das Cruzes, durante a pandemia, e exibida no Festival Arte Como Respiro 2020 do Itaú Cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Paisagem. Contemplação, Cultivo, Artes Performativas, Ecoperformance.

ABSTRACT

In this article, we propose reflections on the notion of ecoperformance, seeking to identify convergences and contributions from landscape studies, contemplative practices

¹ Artista do teatro e da dança, produtor cultural e pesquisador. Mestre em Artes da Cena pela Unicamp, Bacharel em Artes Cênicas pela UFSM e especialista em Gestão Cultural Contemporânea pelo Itaú Cultural/Instituto Singularidades. Idealizador do Programa Práticas do Presente de Artes do Corpo, cofundador da produtora Água Viva Cultura e da Samaúma Residência Artística Rural (SARAR). Apresentou e produziu espetáculos, shows musicais e atividades formativas em diversos Estados do Brasil, na Holanda, Espanha, Itália, Estados Unidos e Japão.

² Cantor, compositor, pesquisador e produtor cultural. Bacharel em Economia pela Universidade de São Paulo e em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é Mestre em Sociologia e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é pesquisador de pós-doutorado com projeto sobre cultura e regeneração de rios no Centro de Síntese USP Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo (IEA/USP) com apoio da FAPESP, e pesquisador visitante da New York University Tisch School of the Arts.

and cultural ecosystem services. We begin with a brief review of the concepts of landscape and contemplation, circumscribing their specificities in the artistic context and the and practices of the performer in the contemporary scene. From this theoretical framework, we carried out reports and reflections on the creation processes of the eperformance “Visitação #2”, as well as on its relations with the concepts of landscape, contemplation and cultural ecosystem services. The work was produced in the Jundiá river dam, rural area of Mogi das Cruzes, during the pandemic, and exhibited at the Festival Arte Como Respiro 2020 from Itaú Cultural.

KEY WORDS

Landscape, Contemplation, Self-Cultivation, Performing Arts, Eperformance.

Introdução

O termo eperformance surge nas artes performativas brasileiras entre 2009 e 2010, cunhado pela coreógrafa Maura Baiocchi (2018) e a companhia Taanteatro na investigação de tensões entre corpo, ancestralidade e ambiente. Para a artista, eperformances entendem ambiente e corpo como dimensões inseparáveis da criação performativa, o ambiente constituindo um jogo interativo de presenças e forças. As eperformances podem acontecer em quaisquer ambientes, rurais e urbanos, e podem, entre outras possibilidades, problematizar e reafirmar as interconexões humano-ambiente. Podem também contribuir para aumentar a consciência sobre os perigosos impactos ambientais de ações humanas, e, eventualmente, tornarem-se veículo de denúncia política (BAIOCCHI; PANNECK, 2018:90).

Neste artigo, buscamos refletir sobre a eperformance como modo potente de produção de conhecimento, criação e ação que pode criar pontes inter e transdisciplinares. Nesse sentido, temos como objetivo refletir sobre possíveis contribuições dos estudos da paisagem e das práticas contemplativas para a eperformance e suas relações com um conceito advindo das ciências ambientais: os chamados serviços culturais ecossistêmicos (SCE). A partir desse quadro teórico, fazemos um relato reflexivo sobre a performance Visitação #2. Para isso, o artigo é estruturado em duas partes, além desta introdução e considerações finais. Na primeira parte, apresentamos os principais conceitos e *insights*

oriundos dos estudos da paisagem e das práticas contemplativas em sua relação com encenações artísticas e práticas de cultivo da presença do/a performer. E, na segunda parte, fazemos um relato analítico da ecoperformance “Visitação #2” em sua relação com as paisagens rural-urbanas, contemplação e pesquisa transdisciplinar baseada em artes, para conceitualizar ecoperformance como potencializadora dos chamados serviços culturais ecossistêmicos.

Com isso, procuramos argumentar que a ecoperformance pode ser um campo fértil para criar pontes entre as artes performativas e as ciências socioambientais, os estudos da paisagem e as práticas contemplativas.

Estudos da paisagem e práticas contemplativas

A noção de paisagem está presente num amplo campo de estudos que vai da geografia e ciências ambientais à filosofia, artes, história, sociologia e política. Nesse horizonte interdisciplinar de possibilidades, uma abordagem transdisciplinar pode ampliar a compreensão sobre a complexidade das relações do humano com o ambiente e o viver em sociedade num mundo em crise. Para o historiador francês Jean-Marc Besse:

“O cuidado com a paisagem ocupa, na atualidade, um lugar crucial nas preocupações sociais e políticas pela qualidade dos quadros de vida oferecidos às populações, em relação aos questionamentos sobre a identidade dos lugares, sobre a governança dos territórios ou, ainda, sobre a proteção dos meios naturais” (2014:7).

Em seu livro “O Gosto do Mundo: Exercícios de Paisagem”, o autor reforça o caráter experiencial e atual da noção, tecendo uma problematização a partir de cinco possíveis perspectivas, o que chamou de “cinco portas da paisagem”: representação cultural; território produzido pelas sociedades na sua história; complexo sistêmico que articula elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva; espaço de experiências sensíveis; e local ou um contexto de projeto (WILKER, 2020).

Para o autor, apesar de cada uma dessas perspectivas ser cultivada por visões disciplinares, essas diversas concepções convivem numa "cultura paisagística" contemporânea, caracterizada pela complexidade, justaposição e superposição de diferentes discursos e pontos de vista (BESSE, 2014:12). Dessa forma, a atualidade dos estudos sobre a paisagem indica novas formas de experiência do espaço, da sociedade e

da natureza, além de novas aspirações coletivas relativas ao meio ambiente (BESSE, 2014:8), incluindo a produção de conhecimento científico, artístico e ação social.

No campo artístico, a paisagem deu historicamente fundamento a criações principalmente na literatura e nas artes visuais, especialmente na pintura e, a partir dos anos 1960, nas propostas da *land art*. Segundo Pavis (2017:219), foi a partir dos anos 1980 que ela passou a ser também incorporada às práticas da *performance art* e da dramaturgia, como categoria de experimentação na abordagem de textos, obras plásticas e criações sonoras.

Bulhões (2002: 161) destaca que o trabalho com a paisagem como fonte de estímulo à criação tende a uma valorização da relação do artista com o território, promovendo até mesmo o redimensionamento do contexto e das relações nele estabelecidas, considerando que a especificidade do olhar do artista provoca “alterações ao olhar que o espectador lança sobre ela”.

A temática dos territórios e paisagens vem sendo pouco a pouco também abordada pelos estudos teatrais. Garcia (2017:45) analisa projetos artísticos contemporâneos de companhias teatrais que se desenvolvem como modos de intervenção no território urbano, dialogando “com a visualidade das cidades, interferindo nas relações da população com seu espaço e propondo novos sentidos para a mesma”. No entanto, conforme aponta Wilker (2020: 39), apesar das variadas experimentações entre teatro e cidade, “as artes da cena interessadas nos fluxos das cidades não parecem figurar em muitos dos estudos sobre paisagem; na direção contrária, também as proposições conceituais mais alargadas da noção de paisagem encontraram pouca ressonância nos estudos teatrais”.

Em sua tese de doutorado, o artista defende a potência da conexão entre paisagem e encenação para o ultrapassamento da ideia do teatro estritamente vinculado a espaços fechados e institucionalizados. O autor propõe uma reflexão com foco nos procedimentos de encenação conectados aos espaços abertos das cidades, contribuindo para uma ampliação das discussões de Féral (2015) sobre o teatro performativo e Lehmann (2007) sobre o teatro pós-dramático em relação à experiência do espaço no teatro contemporâneo. Circunscreve então o conceito de encenação-paisagem como possibilidade de agenciamento a uma prática teatral que reivindica uma cena a céu-aberto (WILKER, 2020).

A ênfase da pesquisa está na potência de mediação e/ou (re)criação de paisagens no trabalho do encenador em direção a uma experiência multifacetada do(s) espaço(s) escolhido(s) para a realização da obra. Reforça-se, assim, a dimensão sensível e

transformadora da paisagem como zona de contato, perspectiva também elucidada pela artista visual Karina Dias:

(...) a paisagem é mais do que um simples ponto de vista ótico. Ela é ponto de vista e ponto de contato, pois nos aproxima distintamente do espaço, porque cria um elo singular, nos entrelaçando aos lugares que nos interpelam. Certamente, a paisagem deriva de um enquadramento do olhar, alia o lado objetivo e concreto do mundo à subjetividade do observador que a contempla (2016: 1688).

Essa qualidade sensível da experiência da paisagem pressupõe, então, “um tipo distinto de aproximação do espaço que permita a criação desse elo singular que se faça na interação entre observador e a parte do mundo observada” (WILKER, 2020: 97). No encontro sensível com a paisagem “todo o corpo é solicitado; estamos enraizados no lugar onde estamos, ancorados, engajados em uma relação com o espaço que nos envolve” (DIAS, apud WILKER, 2020: 219).

Esmiuçando a conexão entre corpo e paisagem, Dias nos apresenta também alguns pontos-chave de sua prática artística pelo viés da experiência do corpo no cotidiano, a partir das noções de visão e invisão:

Experimentar a paisagem no cotidiano seria ativar um movimento do olhar onde ver e não ver se articulariam, onde os pontos de não-visão, de um certo estado de cegueira se transformariam em invisão, em uma visão interna. E é nesta dialética entre ver e não ver, entre não ver e ver internamente que se constitui o que aqui chamamos paisagem. Não se trata de ver tudo, de ver em panorama, mas sim de se aproximar para habitar, de detalhar para se situar, para olhar no mesmo, no espaço de sempre, a diferença (DIAS, 2012:130).

As relações entre corpo e subjetividade são campo de amplas e complexas discussões nas artes performativas. No entanto, no arco prático e conceitual transdisciplinar no qual se inserem os estudos da paisagem, ainda são poucos os estudos que problematizam as convergências entre paisagem e teatro pela via das especificidades do trabalho do/a performer, e, do mesmo modo, de como o trabalho do/a performer pode contribuir para o fortalecimento e redimensionamento desses diálogos.

Nesse sentido, percebemos proficuas possibilidades de aprofundamento entre a problematização da paisagem como experiência multifacetada, as noções relacionais de visão e invisão apontadas por Dias (2010) e os chamados estudos da presença

(GUMBRECHT, 2010; ICLE, 2011), conectados também à revisão que vêm sendo feita da ação do corpo em performance no teatro e na *performance art* (FABIÃO, 2008).

Em diálogo despertado pelas reflexões de Wilker (2020) sobre o trabalho do encenador, poderíamos também perguntar: em que medida a prática artística do/a performer pode ser trabalhada como mediadora das relações com a paisagem, como modo de re-invenção e re-criação de paisagens? Quais conexões podemos verificar entre o léxico transdisciplinar dos estudos da paisagem e o trabalho do/a performer na contemporaneidade? Existem aspectos específicos do trabalho do/a performer inserido numa cena que tem como horizonte a noção de paisagem? Quais as singularidades com as quais os processos de criação atonais/performativos envolvem nesse sentido? Como podemos elucidar esses aspectos na perspectiva da pedagogia das artes performativas?

Não pretendemos dar conta de todas essas questões neste artigo, mas encarar algumas inquietações e tecer reflexões iniciais sobre elas, em conexão com as práticas de pesquisa e criação que vem sendo desenvolvidas nos últimos anos através do Programa Práticas do Presente de Artes do Corpo. O trabalho é reverberação e aprofundamento do Mestrado em Artes da Cena que Eduardo Colombo defendeu na Unicamp, e acontece tanto em sala de criação quanto a céu aberto, especialmente em conexão com as paisagens da Mata Atlântica da zona rural de Mogi das Cruzes/SP. Nesse contexto, aproximando os estudos da paisagem e as práticas criativas do/a performer, nos interessamos pelas noções de cultivo e contemplação.

O professor e pesquisador Cassiano Quilici abre perspectivas interessantes sobre essas relações em seu livro “O Ator-Performer e as Poéticas da Transformação de Si” (2015), com especial dedicação a elucidar a crescente influência cultural dos saberes e práticas do budismo nas investigações de artistas do Ocidente, bem como do redimensionamento dos modos de fazer/criar causados por essa troca intercultural.

Ele parte dos estudos do filósofo japonês Yasuo Yuasa (1987; 1993) sobre *shugyo*, conceito originário das tradições contemplativas orientais, especialmente do zen-budismo, que pode ser traduzido como “cultivo” (QUILICI, 2015: 191).

O autor argumenta que “as práticas contemplativas na tradição budista visam a uma experiência da realidade menos mediada pela atividade conceitual e reflexiva”, não em detrimento destas, mas com o potencial de “cultivar uma arte da atenção e da concentração capaz de flagrar o surgimento-desaparecimento dos fenômenos psicofísicos sem reagir automaticamente a eles” (QUILICI, 2015: 192). Emergindo desse contexto, a noção de cultivo (*shugyo*):

“(…) designa uma complexa articulação de práticas e conhecimentos, tendo como propósito o florescimento de um estado desperto da mente-corpo, libertos dos automatismos e reatividades que caracterizariam a consciência ignorante dos seus próprios processos” (QUILICI, 2015: 178).

Essa perspectiva se conecta, a meu ver, ao que Dias (2008) investiga e propõe por meio da visão e in-visão como experiências do encontro cotidiano do corpo com a paisagem e à abordagens contemporâneas dos processo de formação e treinamento do/a performer que implicam numa busca pela não dissociação da relação arte-vida, valorizando um trabalho que, ao mesmo tempo, desencadeia modificações existenciais significativas, explorando também suas potencialidades políticas (QUILICI, 2015: 190). Como diz Fabião, “se o performer evidencia corpo é para tornar evidente o corpo-mundo” (2008: 208).

A abordagem das chamadas artes contemplativas toma a contemplação numa perspectiva da integralidade, de uma consciência ativa-receptiva, do ser/estar como parte de um todo. Semelhante à crítica reducionista da ideia de paisagem como panorama estático e impessoal, o entendimento da contemplação aqui presente não se limita a uma experiência caracterizada por um distanciamento passivo-receptivo. Contemplar é ser e estar contemplado, inserido, imbricado, em contato e em contexto, é estar em paisagem. Contemplar é, assim, um chamado a uma integralidade possível, um processo de mediação corpo-paisagem.

VISITAÇÃO #2: ecoperformance, paisagem rural-urbana e água

Antes de seguir, acesse o link e assista a vídeo-ecoperformance “Visitação #2”:
<https://youtu.be/lmoIpaB2LoA>

Na vídeo-ecoperformance “Visitação #2”, através do mover do corpo e da utilização de um pedaço seco de bambu, propomos contornos de uma figura performativa como um ente, ser indefinido entre humano, bicho e planta, a partir da ação realizada na represa do rio Jundiá, localizada entre os distritos de Biritiba-Ussu e Taiaçupeba, na zona rural de Mogi das Cruzes.

O corpo que contempla a paisagem deixa em evidência não a própria ação, mas o movimento da paisagem, preenchida de águas, céu, silêncio, solidão e pássaros. A

performance coloca em evidência o *oikos*, a casa, por meio da dança como prática de contemplação, cultivo do presente. Dialoga, nesse sentido, com as proposições de Baiocchi (2018) sobre ecoperformance, em que o ambiente e o corpo são dimensões indissociáveis na criação performativa, considerando o ambiente como um jogo vivo de presenças e forças. O performer, então, “não é o agente central, mas um dos componentes” dessa paisagem viva.

“Ao mesmo tempo que uma ecoperformance experimenta as interações ambientais como um evento performativo, ela se configura como um processo ambiental. A ecoperformance pode ocorrer em qualquer paisagem, natural ou urbana, e pode (...) servir para aumentar a consciência sobre os impactos ambientais nocivos das ações humanas e, eventualmente, se tornar um veículo de denúncia política” (BAIOCCHI, 2018).



Eduardo Colombo. Visitação #2.

Em Visitação #2, a experiência ecoperformativa é amparada numa investigação sobre práticas meditativas, ação psicofísica, organicidade e Dança Pessoal, a partir do desenvolvimento empírico do Programa Práticas do Presente de Artes do Corpo. Esses elementos dão suporte a uma experiência de contemplação a céu aberto, posteriormente ressignificada e compartilhada pela montagem e criação audiovisual.

A escolha dessa paisagem específica vem como consequência das pesquisas e reflexões interdisciplinares sobre criação artística e produção cultural em espaços rurais em fluxo com o urbano, bem como seus vínculos com a governança das águas e serviços culturais ecossistêmicos na macrometrópole paulista.

A represa do rio Jundiá abastecerá municípios da região metropolitana de São Paulo e integra o Sistema Produtor do Alto Tietê. Construída entre 1970 e 1989, ela gerou diversos impactos nas esferas social, ambiental, cultural e econômica locais, como toda barragem. Por exemplo, interrompeu o fluxo direto entre dois distritos rurais do município (Biritiba-Ussu e Taiaçupeba), desapropriou casas e terrenos. A represa também provocou o alagamento do Jardim das Oito Virtudes, no sítio de um dos maiores artistas da China Moderna: o pintor Chang Dai-Chien, que viveu no local. Um capítulo interessante a ser debatido no que tange ao impacto cultural, econômico e diplomático do alagamento da região em sentido local-global.

Apesar de sua importância no mundo das artes, pouco se sabe sobre Dai-Chien e sua passagem pelo Brasil, sendo um artista quase desconhecido no país. Numa área onde hoje se encontra essa barragem, administrada pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo, o pintor construiu um pequeno pedaço da China com casas inspiradas na arquitetura de sua terra natal, e um jardim com 5 pavilhões, rochas, lagos e pontes, que ele chamou de Jardim das 8 Virtudes (JOHNSON e ZHANG, 2020). Foi nesse local também que, de acordo com o historiador da arte José Roberto Teixeira (GORGULHO, 2013), ele pintou algumas de suas mais importantes obras. Fazendo parte de acervos de museus pelo mundo, como o Asian Art Museum de São Francisco, National Palace Museum de Taipei e Hong Kong Museum of Art, os trabalhos do artista foram negociados em leilões por mais de meio bilhão de dólares no ano de 2011, ficando à frente de nomes como Andy Warhol e do pintor espanhol Pablo Picasso, de quem ele era amigo (GORGULHO, 2013).

Em 1970, após o anúncio do projeto da barragem em Taiaçupeba, que inundaria o seu sítio, Dai-Chien se mudou de Mogi para Pebble Beach, na Califórnia. No ano de

2014, crise hídrica fez baixar significativamente o volume da represa e as ruínas puderam ser vistas pela primeira vez, sendo registradas por jornalistas locais (KINJO et al., 2020).

É provável que, se não fosse o impacto socioambiental e cultural da represa do rio Jundiáí, o sítio de Chang Dai-Chien e a região de Biritiba-Ussu/Taiapuêba atualmente seriam pólos de turismo artístico nacional e internacional, mas o prejuízo econômico da degradação desse serviço cultural ecossistêmico é também tragicamente desconhecido (KINJO et al., 2020).

Na performance *Visitação #2*, um sentido de ausência e invisibilidade, alagamento e imensidão aparecem como contrapontos entre a presença do corpo, a música e a paisagem da represa. Para a criação desse trabalho, considerou-se a relevância da criação de novas narrativas sobre o território, configurando uma proposição poética a partir da experimentação do corpo na paisagem em questão, pesquisas históricas, culturais e socioambientais.

A composição da música original “O rio memória, op. 1”, produzida por Victor Kinjo, teve também inspiração em sua visita de pesquisa à sede do Departamento de Águas e Energia Elétrica da Barragem do rio Jundiáí, onde realizou entrevistas e coletou informações sobre o funcionamento da represa, descobrindo que aquelas águas vêm do rio Tietê, tema principal de seu projeto de pós-doutorado.

O trabalho de vídeo-ecoperformance reforça também a potência da contemplação estética e inspiração artística na produção musical, performativa e audiovisual, conectando-se à dimensão cultural dos chamados serviços ecossistêmicos das águas.

Cunhada no campo das ciências ambientais, a noção de Serviços Ecossistêmicos (SE) abarca os benefícios gerados direta ou indiretamente pelos ecossistemas para a humanidade (MA, 2005a), e configura-se como um dos principais ferramentais teóricos da gestão e governança ambiental contemporânea. Os serviços ecossistêmicos são uma interface entre ecossistema e bem-estar humano e são divididos em quatro tipos: provisão, regulação, culturais e de suporte (MA, 2005a).

Em relação às águas, os serviços ecossistêmicos das paisagens fluviais, *river landscapes* (THIELE et al., 2020), têm servido como áreas de assentamento, infraestrutura e produção em todo o planeta por milhares de anos, com áreas verdes que protegem as populações contra enchentes e rios provendo água para beber, irrigar, banhar-se, para transporte e alimento, para práticas esportivas, educativas, de turismo e lazer (BÖCK, POLT e SCHÜLTING, 2018) (THIELE et al., 2020). Oferecem condições ideais para a contemplação estética, a inspiração artística, e a realização de atividades culturais

que promovem a saúde (RODRIGUES, 2015) (WANTZEN et al. 2016) (BÖCK, POLT e SCHÜLTING, 2018) (HALE, BRAY e BELTRAN, 2019) (THIELE et al., 2020) e o bem viver das populações. Festividades culturais e ritualísticas no mundo todo encontram à beira dos rios espaço propício à sua realização (LOKGARIWAR, 2013 *apud* THIELE, 2020).

Esses processos e expressões criados ativamente por pessoas a partir de sua interação com o ambiente que promovem benefícios da interação humano-natureza por meio de práticas culturais são conceitualizados como Serviços Culturais Ecossistêmicos (SCE) (MA, 2005b; THIELE et al., 2020). Nesse contexto, articulando artes performativas e práticas contemplativas em paisagens a céu aberto, entendemos que as ecoperformances podem também ser vistas como resultante de serviços culturais ecossistêmicos, ao mesmo tempo em que podem contribuir para melhorias ambientais por meio das novas representações geradas pela sua realização e difusão como ações artísticas socioambientais.

Consideramos, então, que o desenvolvimento do trabalho na vídeo-ecoperformance em questão coloca em diálogo dimensões sociopolíticas da paisagem mencionadas por Besse (2014), sendo também um modo de representação significativa, integrada a um território perpassado por identidades, relações sociais, político-econômicas, como um complexo sistêmico cultural e natural, espaço de experiências sensíveis e local de um projeto, de intervenções de impacto socioambiental.

Considerações Finais

Fazendo uma revisão da carga histórica e conceitual da literatura, é possível perceber que artistas e pesquisadores de diversas disciplinas vêm problematizando o caráter ativo e propositivo das noções de paisagem e contemplação, e sua capacidade de engendrar processos de ressignificação e engajamento que conectam singularidade e coletividade, transformação pessoal e social.

Na prática artística, as duas noções estão sendo pensadas e repensadas de modo transdisciplinar para dar conta dos contextos e apontar possibilidades de um redimensionamento dos trabalhos de encenação e formação/treinamento do/a performer na contemporaneidade. Verifica-se, ainda, que a perspectiva artística sobre conexões entre paisagem e contemplação têm a potência de evidenciar os serviços culturais

ecossistêmicos no diálogo com as ciências ambientais, economia, sociologia e geopolítica.

O sentido das práticas que conectam corpo-paisagem num geral implica numa relação ampla da arte com o mundo, o ser vivo inserido e como parte desse todo mundo-tempo (INGOLD, 2010, 2015). E, comumente, essa relação abre-se para um redimensionamento do ofício do artista performativo como *pontífex* (GROTOWSKI, 1993 [1987]), com a função social de encantar e/ou reencantar o espaço-tempo.

Essa problematização tensiona a institucionalização da arte e sua separação como exercício da vida social. Milênios atrás, quando a arte não se configurava como categoria especializada do contexto social, ela fazia parte dos cultos, ela era modo de relacionar-se com o que está para além do eu, da subjetividade pessoal. A fé, o encanto e/ou o medo do desconhecido cumpriam papel fundamental nessa perspectiva. E o saber/viver crente e confiante da interconexão entre o íntimo e o universal, entre o tempo atual e o tempo-Rei (o tempo ancestral, o tempo eterno imponderável do universo) contribuía para essa não-cisão.

No presente artigo, procuramos estabelecer conexões da epistemologia e bibliografia dos estudos da paisagem com perspectivas epistemológicas e filosóficas das práticas contemplativas. Interessa-nos, na sequência e aprofundamento do trabalho, os diálogos e aprendizagem das contribuições dos estudos das cosmologias indígenas e de matriz africana, num esforço por ampliar e fortalecer o campo dos estudos da paisagem e seu potencial de impacto na produção de saberes conectados aos desafios da sociedade contemporânea global.

Concluimos, assim, a partir dessas primeiras reflexões realizadas, que as práticas ancoradas numa perspectiva de conexão com a paisagem e uma experiência contemplativa multifacetada, a exemplo da ecoperformance, podem oferecer, através do cultivo da presença do/a performer e das proposições artísticas delas resultantes, importantes contribuições para um redimensionamento do potencial humano de viver e cuidar, do cultivo de si e do planeta.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Instituto Itaú Cultural pelo apoio à produção da série de vídeo ecoperformances VISITAÇÃO, e à FAPESP pelo apoio ao projeto de pós-doutorado “A Revitalização de Rios em Cidades Globais: desafios de São Paulo e experiências internacionais” (2019/020748) e a bolsa de estágio pesquisa no exterior “Culture, social

environmental action and river regeneration: the experience of the Hudson in New York and the Funan in Chengdu” (202112328-7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIOCCHI, M.; PANNECK, W.. **Taateatro**: forças e formas. São Paulo: Transcultural Marketing e Comunicação Ltda, Taateatro Companhia, 2018.
- BESSE, J. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BULHÕES, M.A. A Paisagem como territorialidade na arte contemporânea. In BULHÕES, M.A. e KERN, M. (org.), **América Latina**: Territorialidade e Práticas Artísticas. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002.
- BÖCK, K., POLT, R., SCHÜLTING, L. Ecosystem Services in River Landscapes. In: SCHUMUTZ, S., SENDZIMIR, J. (eds). **Riverine Ecosystem Management**. Aquatic Ecology Series, vol 8. Springer, Cham, 2018.
- DAEE. **Portal do Departamento de Águas e Energia Elétrica**. Parque Ecológico do Tietê, 2020. Disponível em <http://www.dae.sp.gov.br/index.php?option=com_content&id=564:parque-ecologico-do-tiete-pq>. Acesso em 18/05/2022.
- DIAS, K. L’air de montaigne: uma experiência singular do tempo. In: **Anais [recurso eletrônico] do 25o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, setembro de 2016, Porto Alegre, RS; [Nara Cristina Santos ... [et al.] (orgs.)]. – Santa Maria: ANPAP: UFSM, PPGART: UFRGS, PPGAV, 2016. 1 e-book ISSN 2175-8212. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2016/comites/cpa/karina_dias_final.pdf> Acesso em 18/05/2022.
- _____. Notas sobre paisagem, visão e invisão. In: **Visualidades**, 6 (1 e 2) - Revista do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, 2012. DOI 10.5216/vis.v6i1e12.18075. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18075>> Acesso em 18/05/2022.
- FABIÃO, E. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. In: **Sala Preta**, [S. l.], v. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em 18/05/2022.
- FÉRAL, J. **Além dos limites**: teoria e prática do teatro. Tradução J. Guinsburg...[et al.]. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GARCIA, S. **Territórios e paisagens**: estudos sobre teatro. São Paulo: Giostri, 2017.
- GORGULHO, G. O Brasil na vida do “Picasso da China”. In: **Jornal da Unicamp**, 16 de dezembro de 2013, nº587. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-brasil-na-vida-do-picasso-da-china>>. Acesso em 18/05/2022.
- GROTOWSKI, J. Performer. [1987]. In: WOLFORD, L. (org); SCHECHNER, R. (org). **The Grotowski Sourcebook**. New York: Routledge, 1997.
- GUMBRECHT, H. **Produção de Presença** – o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- Rio, 2010.
- HALE, R., COOK, E., BELTRAN, B. Cultural ecosystem services provided by rivers across diverse socio-ecological landscapes: A social media analysis. In: **Ecological Indicators**, Vol. 107, 2019.
- ICLE, G. **Estudos da Presença**: prolegômenos para a pesquisa das práticas performativas Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 09-

27, jan./jun., 2011. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/23682>>. Acesso em 18/05/2022.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução Fábio Creder: Petrópolis, RJ: Vozes, 2015 (coleção Antropologia).

_____. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

LEHMANN, H. **Teatro pós-dramático**. Tradução: Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MA. **Ecosystems and human well-being: Wetlands and Water Synthesis**. World Resources Institute, Washington, D.C., 2005.

PAVIS, P. **Dicionário da performance e do teatro contemporâneo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

PEIXOTO, G. Seca em represa revela vestígios de sítio de pintor renomado em Mogi. In: **G1 Mogi das Cruzes e Suzano, 2014**. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2014/04/seca-em-represa-revela-vestigios-de-sitio-de-pintor-renomado-em-mogi.html>>. Acesso em 18/05/2022.

QUILICI, C. **O ator-performer e as poéticas da transformação de si**. São Paulo: Editora Annablume, 2015.

RODRIGUES, J.M.G. Cultural Services in Aquatic Ecosystems. In: CHICHARO, L., MÜLLER, F., FOHRER, N. **Ecosystem Services and River Basin Ecohydrology**. Dordrecht: Springer, 2015.

THIELE, J., ALBERT, C., HERMES, J., HAAREN, C. Assessing and quantifying offered cultural ecosystem services of German river landscapes. In: **Ecosystem Services**. Elsevier, vol. 42 (C), 2020.

WILKER, F. **Encenação-paisagem: uma cena que reivindica o mundo a céu aberto**. Tese de doutorado – São Paulo: departamento de Artes Cênicas/Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2020.

YUASA, Y. **The body: toward an eastern mind-body theory**. New York: State University of New York Press, 1987.

_____. **The Body: self-cultivation and ki-energy**. New York: State University of New York Press, 1993.